

Jornalismo e ativismo na hipermídia: em que se pode reconhecer a nova mídia

RESUMO

O presente artigo aborda a maneira pela qual canais de tv aberta veicularam o episódio da reunião ministerial da OMC (Organização Mundial de Comércio) ocorrida em 1999 e mostra como essa cobertura jornalística foi contestada pela emergência de uma nova mídia, o IMC (Independent Media Center) localizado principalmente na internet.

ABSTRACT

This article discusses the way open tv channels of the main networks broadcasted the 1999 World Trade Organization (WTO) meeting, while showing at the same time how their journalistic coverage was contested by a new, emerging medium, the Independent Media Center (IMC), which reported the event from a site on the internet.

PALAVRAS-CHAVE (KEY-WORDS)

- Hipertexto (Hypertext)
- Cibercultura (Cyberculture)
- Novas tecnologias (New technologies)

Henrique Antoun

Prof. da ECO/UFRJ

“Don’t hate the media. Be the media.”

The Independent Media
Center

QUEM SE LIMITOU a acompanhar os acontecimentos da III reunião ministerial da Organização Mundial do Comércio (OMC), ocorrida entre 30 de novembro e 2 de dezembro de 1999, pela grande imprensa diária impressa, falada ou televisada pode ter certeza de que perdeu da missa a metade.

Pior se tiver ficado restrito ao noticiário televisivo produzido pela Rede Globo, hegemônico no Brasil. Deve estar acreditando, até agora, que toda confusão ocorrida na linda cidade de Seattle - uma pequena jóia incrustada na costa noroeste do Pacífico nos EUA -, deveu-se à indignação dos fazendeiros de todo o mundo contra o protecionismo do governo norte-americano subsidiando agressivamente seus produtos agrícolas. Deve achar, também, que o fato mais relevante do encontro foi o protesto da delegação brasileira contra as sanções econômicas impostas aos produtos das nações cujo mercado de trabalho emprega mão-de-obra infantil em regime de semi-escravidão e cujo salário mínimo está abaixo da linha de decência global, como é o caso do governo brasileiro. O embaixador brasileiro Carlos Lampreia (para ele, ao menos, significativo é destino) fez inúmeras aparições na telinha da Globo, sempre ancorado pelo ex-informante do SNI Alexandre Garcia, apresentado como o “herói” que tinha a “coragem” de contrariar

os poderosos interesses econômicos dos Estados Unidos, defendendo o direito à “competitividade” dos produtos agrícolas brasileiros e o direito a praticar salários “diferenciados”, sem os quais o agribusiness pátrio “iria à bancarrota” (são salários de menos de um dólar por dia utilizados para remunerar o trabalho “informal” da mão-de-obra infantil na agricultura comercial brasileira). Tivessem essas aparições sido seguidas do anúncio da Unicef, dizendo que o uso de mão-de-obra infantil é crime e que lugar de criança é na escola, e teríamos o melhor 3x4 da credibilidade e integridade de propósitos do atual governo de coalizão PSDB/PFL.

Mas não estava muito melhor informado quem procurou as notícias nos canais da TV a cabo, como a CNN, ou o noticiário da ABC e NBC fornecidos pela Superstation. Todos esses canais se pautaram por atitude semelhante. Em um primeiro momento reportavam os comunicados produzidos pela agência de notícias do World Trade Center, sede da OMC onde se realizava a reunião, complementando-os com entrevistas e reportagens. Vez em nunca uma pálida alusão, nada que ultrapassasse cinco segundos, aos “protestos” de “grupos” que aconteciam em um mundo aparentemente “irreal”, pois se estendia para além das fronteiras enquadradas nas câmeras, circunscritas aos limites do prédio. A gritante ausência de imagens “dos protestos”, neste primeiro momento, era o sintoma mais evidente de que algo estranho ao universo do espetacularizável estava acontecendo. Os protestos eram aludidos sob uma dupla ótica neste momento: ou eram apresentados como críticas corporativistas à liberdade comercial, feita por grupos contrários à competitividade global; ou eram baderna de anarcopunks e delinquentes afins. Única exceção feita aos ambientalistas e suas gigantescas tartarugas verdes dançarinas, enquadradas invariavelmente tendo o céu por fundo e a batucada por som ambiente. Na noite

de terça-feira, 30/11/1999, o “choque” televisivo: o prefeito de Seattle, um democrata liberal, tinha posto a cidade sob o estado de emergência. A CNN, sempre “ousada”, montou uma mesa dirigida por seu principal âncora com o prefeito e o chefe de polícia de Seattle para discutir os motivos da decisão e os desdobramentos que deveriam se seguir. Agora outras imagens apareciam na telinha: latas de lixo queimando, vidraças quebradas e ameaçadoras criaturas mascaradas e vestidas de negro, as roupas cobertas de tachas prateadas combinando com pulseiras e coleiras cheias de pregos também prateados. Soube-se então que a sessão de abertura da reunião havia sido cancelada e que a medida visava a proteger o presidente dos Estados Unidos, Bill Clinton, que discursaria no dia seguinte, de uma minoria (sic) radicalizada de baderneiros que tinham levado a cidade ao caos com sua violência. Nos dias que se seguiram o jornalismo das velhas mídias prosseguiu seu desfilar de sorrisos tranqüilizantes para o público e cenho e sobrolhos franzidos para os manifestantes — qualificados como ciberpunks. O detalhe mais grotesco ficando para a atitude da loura platinada repórter da MSNBC, que no seu afã de oficialidade passou a relatar as atividades repressivas levadas a cabo pela polícia e a guarda especial usando o cômico pronome “nós”, o que mandava definitivamente para o espaço qualquer simulação de isenção jornalística na transmissão dos fatos.

A indecente cobertura jornalística da velha mídia corporativa e centralizada, da qual foi enfocada apenas a face mais generalizada e agressiva — a da TV aberta ou por cabo —, teria só o amargo sabor de fim de século e milênio, não tivesse ela sido afrontada pela emergência de uma nova mídia, o Independent Media Center (IMC) — sediado sobretudo na Internet —, que, ao final do movimento conhecido como Batalha de Seattle, tornou-se o principal órgão de notícias sobre o acontecimento.

Os grandes acontecimentos chegam com pés de pomba — ensinou outrora um filósofo — e quando seu ruidoso rumor nos atinge estamos apenas a ouvir os ecos de sua efetuação.¹ O surgimento desta nova mídia — gerada pelo entrelaçamento das teias da Internet com o interativismo do ciberespaço, como resultado do casamento da política de ação direta do novo ativismo com a potência interativa, descentralizadora e anárquica dos sistemas hipermídia — é a explosão do silencioso movimento de sedimentação das comunidades virtuais ao longo destes anos. Seu estrondo pergunta pelo sentido das silenciosas palavras da programação, que construíram a Internet enquanto meio, pois elas trouxeram a tempestade da anarquia para assombrar o horizonte da organização capitalista no mundo globalizado.

Ativismo, ação direta e nova mídia

O IMC foi criado por organizações e ativistas da mídia independente e alternativa com o propósito de oferecer uma rede para a cobertura jornalística dos protestos de novembro de 1999 contra a OMC em Seattle.

Construído a partir do conceito de mídia sob demanda², o IMC se propunha a fazer uma cobertura minuto a minuto dos acontecimentos ligados à manifestação, usando um democrático sistema de edição aberta (open-publishing³) e atuando como uma câmara de compensação de informações para jornalistas, recolhendo e disponibilizando, ao mesmo tempo, reportagens, áudios, fotos e vídeos em um regime de copyleft⁴ através de seu website. Cobrir o acontecimento para o IMC significa participar ativamente de sua elaboração e não apenas noticiar as ações que se desenrolam quando de sua manifestação. O colunista americano Naomi Klein, em um elogio público dirigido ao IMC, ressalta esta característica como assinalando a fusão da mídia com o ativismo. Como eles próprios

se apresentam:

O Independent Media Center (Centro Independente de Mídia) é uma rede de comunicação de protestos dirigida coletivamente visando à criação de narrações radicais, acuradas e apaixonadas da verdade.

Nós funcionamos através do amor e inspiração de pessoas que continuam a trabalhar por um mundo melhor, apesar das distorções e má vontade da mídia corporativa para cobrir os esforços para libertar a humanidade.⁵

O resultado de sua cobertura da manifestação mudou os rumos do movimento e do próprio jornalismo. Usando o material coletado, o IMC de Seattle produziu documentários que são distribuídos através de satélite ou vendidos como vídeos para todo o planeta. O centro produziu também um jornal que é distribuído gratuitamente pela rede, no formato PDF, para ser impresso e redistribuído nas localidades. Ao final da cobertura o website do centro atingiu a marca de dois milhões de conexões e foi apresentado pelo AOL, Yahoo, CNN, BBC Online, entre outros importantes portais e jornais da Internet. Seus segmentos de áudio se espalharam pelas rádios da Internet. Para completar, os Centros de Mídia Independente (IMC) começaram a se multiplicar, primeiro pelos Estados Unidos e, logo depois, rapidamente, por vários continentes do planeta. Através de uma rede descentralizada e autônoma, centenas de ativistas da mídia de todo o mundo construíram seus próprios IMC. Um ano após seu surgimento havia mais de 30 centros espalhados por toda parte do mundo acompanhando os rastros das manifestações de protesto aos processos antidemocráticos e opacos que regem as agências gestoras do controle do processo de globalização (FMI, BM, FEM, G8 etc).

Se no início da popularização da Internet a revista Wired marcou a emergência da imagem do digerati⁶ liberal — que se caracterizava por uma imensa

voracidade para o saber e o consumo da novidade tecnoeletrônica — como figura emblemática de uma “nova consciência” nascida da Rede, o IMC assinalou explosivamente a presença de um ativismo nativo do ciberespaço que em tudo se distancia desta imagem. Ao contrário do digerati que tendia a apresentar as novas tecnologias como o verdadeiro sujeito das transformações — fazendo toda liberalidade e globalização do mundo derivar de forma direta do caráter descentralizado e integrador da Internet⁷ —, o ativista acredita que a novidade de um meio só ganha expressão através da atividade que se apropria dele e se desenvolve integrando-se a suas novas potencialidades.⁸ Não basta contrapor a Internet às velhas mídias apontando o caráter da comunicação de um para muitos dos antigos meios e o caráter de muitos para muitos do novo.⁹ É preciso, ainda, inventar as atividades que façam do novo meio a expressão de uma nova vida. Este novo ativismo foi elaborado pelos sobreviventes das experiências comunitárias e políticas do final dos anos 60 e início dos setenta; depurado pelo terror do Estado dos setenta e fez sua travessia pelo deserto em direção à terra prometida através do exílio, da prisão ou do movimento dos computadores, redes e ONGs dos 80.¹⁰ Ele fez da comunicação mediada por computador (CMC) seus sentidos cognitivos e sua mente. Programando os softwares da CMC como novos instrumentos para o pensamento e a ação, o novo ativismo integrou na Internet seu olho, suas imagens, seu ouvido, suas sonoridades, sua boca, suas falas, sua pele, seus contactos, sua memória e suas conexões, até construir uma teia comunitária tornando o corpo apto a viver no ciberespaço.¹¹ Através da prática da ação direta fez da CMC um lugar de percepção, afeto e atividade para as novas comunidades virtuais. Formadas de modo autopoético¹², sob um modo de governo anárquico, as comunidades virtuais transformaram a organização política das

manifestações de protesto. A s comunidades nascidas do ciberespaço introduziram nas novas manifestações a reunião dos participantes através de grupos de afinidade,¹³ sua distribuição em clusters de processamento paralelo¹⁴ e sua coordenação nos acontecimentos através dos conselhos de porta-vozes,¹⁵ reinventando o sentido das práticas democráticas nas delicadas relações entre grupos de atuação política de diversos matizes.¹⁶ Trata-se, para estas comunidades, de substituir as formas democráticas representativas e mediatizadas por núcleos centralizados (Estado) e seus órgãos de ação (instituições) por uma democracia de participação interativa, constituindo uma rede de ação direta.¹⁷

Escolha, liberdade e resistência

Antes da emergência do ativismo e da nova mídia parecia que toda resistência ao capitalismo globalizado estava fadada aos gemidos impotentes da recusa à globalização ou à lamentação melancólica do contínuo enfraquecimento dos velhos meios de luta (sindicatos, partidos, estatização dos serviços...). Em contrapartida a essa falta de opções da resistência, a mídia corporativa global, que se sustenta na exploração das atualidades, sempre tinha para nos oferecer um torpe leque de escolhas que apimentavam o aborrecimento do nosso dia a dia.

Ela nos incitava a escolher entre a ferocidade da modernidade e a da miséria, entre a soberania da ONU e a de Saddam Hussein, entre a prepotência da OTAN e a da Sérvia, entre a boçalidade do assaltante e a da polícia; enquanto assistíamos ao desfilar sem-fim do desalento dos que nunca mais terão um emprego, ao estarecido amanhecer dos iraquianos fundidos aos escombros dos bombardeios, à fuga desesperada dos kosovares no fogo cruzado da Sérvia e da OTAN e ao

aterrorizante espetáculo da histeria dos reféns fabricados pelas empresas para servir de escudo vivo na proteção de seu dinheiro. Ao mesmo tempo em que todos esses dados pipocavam sem cessar colorindo nossa digestão, caminhávamos tropeçando pelas ruas nos corpos estirados do ser aí habitando o desamparo dos bancos e das calçadas, errando sem-fim por terra, mar e ar, suportando o eterno exílio da vida no Império global.

Até que uma intempestiva Seattle irrompeu súbita — transformando o desamparo em festa, a errância em comício e o exílio em luta — para nos lembrar, em seu sopro de vida, a estupidez que essas escolhas encerravam.

Nada mais previsível do que a estupidez. Podemos sempre contar com sua presença em nossas previsões. O próprio antecipável é a forma pura da estupidez e é a ele que prestamos conta em toda história dos acontecimentos. A estupidez é o antecipável de todo acontecimento, a universal verdade que dele se encarrega per omnia secula seculorum. Presa ao coração da atualidade, como uma coroa de espinhos, ela nos fala com ares de doura sapiência da canga do medo ao novo — hoje passeando pimpão o vistoso traje do risco — que trazemos firmemente atada aos ombros da conveniência cotidiana. Se na totalidade moderna o “futuro” batia às nossas portas e precisávamos estar preparados para enfrentar os seus desafios, na globalidade contemporânea “o futuro já começou” — nós o trazemos em nossos genes, em nossos vícios e em nossas dívidas — e precisamos conjurar a fatalidade nele anunciada nos programas que vamos confeccionar para reger nossas práticas.¹⁸ Pois o neodarwinismo nos ensinou que a evolução é conservadora, decidida no consenso bilionário da relação dos genes¹⁹; o desenvolvimento é avaro, decidido na auto-sustentabilidade da consumação das energias finitas²⁰; e a sabedoria é mesquinha, decidida na seleção da

informação adequada que eliminará o excesso de dados do fato atual.²¹ O marketing — em sua elaboração das formas de garantia do sucesso global — é o grande ditame moral que o Estado Imperial oferece à atitude contemporânea. Ele nos aconselha a escolha de procedimentos de baixo risco para integrar a grade de nossa programação diária no cálculo de nossos gestos. A fama deixou de ser o brilho efêmero do que se distingue na ousadia de um ato, para tornar-se o sucesso de um programa de ação medido pelo ilimitado de sua continuidade no tempo. Dominado por esta boa forma, o próprio ser tornou-se leviano em nossa atualidade. Pois hoje não nos confrontamos mais com a verdade ou falsidade da existência, como na antiguidade; ou com a autenticidade e inautenticidade da existência, como na modernidade. Agora somos convidados a escolher entre o excesso e o sucesso global da existência. Devemos decidir consensualmente a eliminação do risco, trazido por todos esses seres aí sem-teto, sem-terra, sem-proteína, sem-capital, sem-crédito, sem-saúde, sem-emprego, sem-raça, sem-língua, sem-rumo e sem-pátria que não podem ser absorvidos pela lógica da antecipação do mundo globalizado.

A comunidade ativista, entretanto, transformou na prática o sentido da palavra resistência. Ela mergulhou nas entranhas da Internet enquanto novo meio e constituiu através das potências anárquicas e libertárias, trazidas por ela, suas comunidades e suas práticas. Para o ativismo resistir não é mais apenas sofrer a paixão do embate com o poder atual do Estado e seus dispositivos de governo. Resistir tornou-se também inventar os movimentos através dos quais os modos autônomos de viver e governar a própria vida possam ser, ao mesmo tempo, as formas de lutar e se manifestar publicamente.²²

Militância e ativismo

Vida, comunidade e luta política tornam-se um só e mesmo movimento, ultrapassando a dicotomia assinalada por Sartre, no prefácio à *Crítica à Razão Dialética* intitulado *Questão de Método*, quando defende o existencialismo enquanto ideologia. Para Sartre, o marxismo só se ocuparia da existência depois que alguém é inserido no sistema de produção, ao ganhar seu primeiro salário; tendo mesmo assim uma única recomendação a dar ao existente: faça a revolução! Com isso o revolucionário tornava-se alguém apartado de toda e qualquer vida própria que não a militância. O militante, a partir desta concepção, tornava-se alguém que sacrificava a realização da própria vida no altar dos interesses da revolução. O problema de como seria essa vida em uma sociedade sem classes, onde o trabalho não mais seria a mera capitalização da atividade voltando a se fazer vivo e ativo, permanecia um mistério que se perdia nas brumas das fórmulas genéricas — como, por exemplo, a famosa fórmula para a distribuição dos bens “a cada um na medida de suas necessidades” — incapazes de responder positivamente à questão da ordenação e desenvolvimento das comunidades no meio social. Este modelo de militância dissociado da vida ativa²³ vai prevalecer, por exemplo, no desenvolvimento da revolução russa, fazendo com que os ativismos dos construtivistas²⁴ ou da comunidade de Kronstadt²⁵ sejam perseguidos e destruídos pelos militantes da revolução. Deste modo a atitude militante acaba por transformar o desejo libertário da revolução no pesadelo totalitário do stalinismo. O ativismo recusa a militância para construir uma vida ativa ao mesmo tempo pública e secreta através dos sistemas hiperídia, inventando modos de viver no novo meio que reúnam realização individual e atividade comunitária como expressões de um mesmo combate político.²⁶ Como expõe o IMC:

“Nossos críticos dizem que somos contra a globalização, mas isto está errado. Nós queremos globalizar a proteção ambiental, os padrões de trabalho e uma qualidade de vida decente para todos os seres humanos. O Banco Mundial e o FMI foram as criadas da mesquinha das corporações por tempo suficiente — está na hora de diminuir estas instituições.”²⁷

Intempestividade, movimento e comunidade

Unindo o trabalho vivo à realização vital, o ativismo conquistou para sua vida e luta política uma característica que Nietzsche reivindicava para seu combate filosófico: o poder da intempestividade. Embora um dos significados dessa palavra seja inatual, não se pode dizer que o intempestivo se encontre ausente da atualidade.²⁸ Mas esta presença tem uma forma bastante inusitada. Ela se manifesta apenas para aqueles que mantêm uma grande atenção voltada para suas próprias presenças no presente.

Podemos assinalar a intempestividade no ativismo político de movimentos como o DAN (Direct Action Network) — que foi um dos principais organizadores das manifestações em Seattle contra a OMC e é um dos membros da federação de movimentos que criou o IMC —; ou então na atividade dos hackers ligados ao grupo cDc (cult of Dead cow), criadores do temido Back Orifice, um programa open source e gratuito que serve para administrar as redes criadas pelo Windows NT da Microsoft de forma tão simples e eficiente que serviu de base para a criação e multiplicação dos vírus chamados de trojans (troianos). O mesmo se repete nos movimentos de criação de software de código fonte aberta e domínio público — que fazem, por exemplo, proliferar a imensa variedade de versões do sistema operacional Linux ou geram a

firme e elegante integridade do FreeBSD —; sobretudo na comunidade que cria programas gratuitos que geram na Internet redes peer to peer (P2P) de pesquisa e troca de arquivos entre computadores, como o Napster, o Freenet ou o Gnutella.

Tomemos o exemplo do movimento hacker ligado ao grupo “2600” para melhor compreendermos o sentido do intempestivo em uma comunidade ativista. Se tentarmos explicar o que é o “2600”, só poderemos fazê-lo invocando uma interminável lista de atividades; pois o 2600 é um site na Internet, uma revista trimestral impressa (2600 Hackers Quartely), uma revista eletrônica, um newservice, um programa de rádio semanal (Off The Hook) transmitido ao vivo também em streamedia pela Internet, um lugar para conversa diária sobre questões da comunidade hacker internacional em um grupo de salas de chat (irc service), um encontro semanal em diversas localidades espalhadas nos Estados Unidos feito pelos que participam do grupo, uma reunião na primeira sexta-feira de cada mês disseminada por todo o mundo que acontece a partir das cinco horas da tarde, um arquivo vivo sobre outras publicações e zines feitos por e para hackers que pode ser manipulado através do serviço de ftp, um grupo de pesquisa e debate sobre questões de segurança e liberdade de expressão na Rede que realiza a cada dois anos o congresso Hackers On Planet Earth (HOPE), uma newlist que discute o congresso bianual (hopelist), uma newlist que prepara o congresso que vai se realizar.

O Logal e a nova mídia

De fato, tudo o que foi mencionado girando em torno do grupo ou movimento 2600 pode ser diferente amanhã, mesmo o seu nome, pois o nome é o que menos importa em um tal tipo de movimento comunitário que se sustenta e se desenvolve através da conexão de seus membros nas atividades

que eles próprios realizam. O que mantém o “2600” e outras comunidades ativistas é uma potência logal²⁹ difusora que rompe o poder integrador glocal da grade moduladora. O logal é ao mesmo tempo a conectividade viva e a interação vital que constituem o intempestivo no coração do ativismo e da nova mídia. A nova mídia não é um meio de vida, como eram os velhos locais de trabalho e as antigas profissões. A nova mídia é um meio para viver, um meio onde o tempo do trabalho não se contrapõe mais ao tempo de vida, um meio onde o trabalho vivo determina o trabalho “morto” e onde o movimento vivo de cada participante constitui o espaço vital da atividade comunitária.³⁰

O logal é uma das qualidades que distingue a nova mídia e o ativismo explicando sua intempestividade. Ele se contrapõe ao glocal, que é a marca da presença do Império globalizado nas localidades através do controle exercido por suas agências de comando e empresas de distribuição. O glocal instaura um regime de tempo informacional produzido pela antecipação científica do futuro no presente. Este regime se sustenta através da divulgação científica na velha mídia corporativa dos discursos da genética, economia e informática que se dirigem invariavelmente para o tema da saúde, seja ela biológica, financeira ou existencial. Antecipando doenças e degenerações em certas atitudes ou comportamentos, estes discursos geram a noção de “comportamento de risco” que transformam as probabilidades em prognósticos, através do uso abusivo da estatística e dos gráficos que corrobora a confusão entre os diagramas e os índices no universo dos signos. Deste modo os cientistas tornam-se as pitonisas contemporâneas e a mídia o intérprete fiel dos vaticínios ocultos em suas mensagens. De fato, as atualidades que a mídia corporativa tão ciosamente procura cultivar são apenas as ilustrações, repetidas ad nauseam, destes vaticínios fatais que em sua interpretação

a tecnociência contemporânea elabora sem cessar. A contrapartida oferecida às perigosas sensações das atitudes de risco é o gozo da espetacularização autocontemplativa feito pelas massas de sua própria conversão em mercadoria, enquanto público especializado, através das banalidades cotidianas.³¹

Mas mesmo o riso, a admiração, o choro, o desprezo, o medo ou a confiança que devem temperar o desfiar de situações corriqueiras do noticiário precisam também ser antecipáveis para que a felicidade seja anunciada para se consumir em algum consumo futuro.³² Vagas impressões e fracas associações são o que resta após a jornada de assédio diário que a mídia corporativa realiza. Mesmo quando deve atuar como uma mídia de eventos, organizando-se em torno de competições esportivas, shows pops, grandes lançamentos ou festas de premiações, ela se revela incapaz de abandonar a atitude de press release e prognóstico probabilístico que a impedem, hoje, de noticiar qualquer acontecimento.

Talvez isso seja um dos motivos que fizeram a nova mídia atingir um grande sucesso não apenas entre o grande público, mas também no seio da velha mídia. Da revista *Wired* até o *Washington Post*, o IMC tem recolhido elogios e aprovações. São afagos, porém, equivocados, pois incapazes de perceber a novidade desse meio recém-nascido. Pois para o ativismo do IMC cobrir um acontecimento é também prepará-lo, invocá-lo e mimá-lo, cuidar de sua preparação e de seu desenvolvimento. Mas fazê-lo do modo que um meio jornalístico pode fazê-lo: transformando em notícia as narrações apaixonadas do acontecimento, explorando as fabulações, profissionais ou amadorísticas, favoráveis ou contrárias ao acontecimento como os pontos de vista locais que constituem seu território. Não basta, porém, recolher suas notícias como informações sobre o que aconteceu para compreender o que faz a nova

mídia tão diferente da antiga. É preciso acompanhar sua atividade no calor da própria manifestação, no minuto a minuto do embate dos manifestantes com a arrogância dos que se julgam dirigentes do mundo atual e seus agentes, voluntários ou não, que produzem a mídia corporativa. Apenas na urgência deste combate a emergência de um enfoque inusitado sobre um bordão repetido globalmente pelas agências de notícias e os jornais que dela se alimentam pode ganhar todo seu sabor. Como na “batalha de Seattle”, quando, após a declaração do estado de emergência, a mídia corporativa passou a condenar em uníssono os estranhos “baderneiros vestidos de preto” que estavam “pondo em risco” a “segurança” e a “integridade” da “população ordeira e pacífica”; o IMC fez surgir na Net, e se espalhar como um vírus por toda parte, um cartaz com a foto de um policial vestido de preto investindo com sua moto sobre os manifestantes ajoelhados em meio ao gás lacrimogêneo com a frase: “Nós também repudiamos a atitude desses estranhos baderneiros vestidos de preto que usam de violência contra a população ordeira e pacífica”.

Embora na cobertura de Seattle tenham contribuído gente do peso de Chom-sky, Ramonet e Ralph Nader, uma das melhores reportagens foi feita por um estudante de jornalismo e repórter de Portland, chamado Jim Desillas, através de uma reportagem/depoimento dada para os jornalistas Tim Perkins e Atau Tanaka do IMC usando um telefone público fora da cidade. Intitulada “Dano Colateral em Seattle”, a matéria traçava um painel vivo do que estava acontecendo de forma apaixonada, porém veraz.

Através dela descobrimos, por exemplo, uma imagem da OMC que contrasta vivamente com aquela sugerida pela monumentalidade de aço e vidro do World Trade Center:

Eu entrevistei delegados. Nenhum deles tinha nada de positivo para dizer sobre a OMC. Dois delegados caribenhos

estavam furiosos com a perda de empregos. Um delegado do Peru pegou um megafone, subiu no carro e discursou para os manifestantes contra a Organização Mundial do Comércio. Ele disse que ela prejudicava os trabalhadores e fazendeiros. Eu entrevistei um cara norueguês do Greenpeace. Totalmente contra ela. Mesmo um delegado da Holanda disse que ela prejudicou os fazendeiros de lá. Ele disse que embora se suponha que ela é democrática, isto é atualmente uma mentira. Os EUA, Inglaterra, Canadá e uns poucos outros se reúnem e decidem o que querem fazer. Então eles convocam o resto dos outros países para votar e se eles votam errado eles ameaçam: “Vocês não vão receber financiamentos” ou coisa semelhante. Eles conseguem o que querem dos delegados chantageando-os.

Os italianos que nós entrevistamos estavam fora de si também. Não consegui encontrar nenhum delegado que fosse favorável a ela.³³

Podemos encontrar neste fragmento de relato vivo aquilo que a velha mídia selecionaria como “informação” e que pode ser enumerado de forma diagramática numa lista de tópicos:

1. A OMC privilegia os processos de ganho através de fusões e incorporações que racionalizem a distribuição das mercadorias e otimizem os serviços agregados a elas através da automação como forma de aumentar a competitividade empresarial, gerando o desemprego como consequência do downsizing como prática empresarial.

2. Apesar de propalar o liberalismo, a OMC apoia o protecionismo agrícola norteamericano, seja pela prática dos subsídios, seja pela política agressiva de empresas, como a Monsanto, na área dos produtos agrícolas geneticamente modificados.

3. As decisões da OMC são tomadas previamente pelos países WASP e depois impostas aos demais membros através de pressões e chantagens. Existe um “braço

armado” da OMC que funciona através das agências de financiamento (FMI, BM) e que no limite podem arruinar uma economia local através do ataque especulativo à moeda.

O mais importante, porém, surge menos naquilo que se apresenta no conteúdo das denúncias. A verdadeira estranheza está na atitude dos delegados da OMC para com a própria organização. Eles não estão conectados a ela, são apenas associados da instituição, associação esta que no mais das vezes responde sobretudo às necessidades de sobrevivência das agências de produção e distribuição local representadas nos Estados nacionais. Necessidades de sobrevivência são necessariamente reativas, criam apenas vínculos fracos e ligações flutuantes. A melhor expressão deste desligamento do associado para com a instituição é a surreal cena do delegado peruano da OMC fazendo comício contra ela de megafone na mão em cima de um carro, em meio ao engarrafamento do bloqueio.

Em alguns momentos esta surreal estranheza ganha os contornos do vandalismo estúpido quando os policiais atacam uma bomba de gasolina com bombas de gás. Em outros ganha os contornos do terror como na paralisia catatônica que acomete a velha senhora asmática que tinha saído para fazer compras e que se viu engolida pelo combate. Diante dos policiais vestidos de negro disparando as bombas de gás, dos helicópteros sobrevoando o centro e dos policiais que investiam a cavalo contra os transeuntes, a velhinha reviveu a sensação dos negros anos de dominação nazista. Ou a cena em que uma garota de 18 anos — após estar caída e subjugada na rua com os lábios sangrando — é atacada por policiais recebendo vários jatos de pimenta e sofre uma regressão violenta que a faz chorar como um neném, recitando: Ave Maria, Ave Maria, Ave Maria...³⁴

Sempre se criticou a Internet por falar apenas ao intelecto e só lançar apelos à imersão virtual, implicando uma atrofia do corpo e do desejo por relações reais. Mas com ela a velha consciência, tragada pela mente individual na aurora da idade moderna, foi expelida para a extensão do mundo real.

A mente está aí convertida em bits e pode ser conectada por telefone, cabo ou onda. E o corpo que se imaginava imóvel, fixado em algum monitor, jorrou por todas as ruas do mundo cantando a luta por novos modos de viver.

A nova mídia desenvolve sua cobertura como um documentário ficcional cujo roteiro vai sendo escrito através das fabulações narradas pelos próprios participantes. Se ela pode abandonar a isenção jornalística e permanecer veraz, deve ser porque sua evidente adesão ao acontecimento se faz para proveito do jornalismo.

Disposta a construir o acontecimento por todos os meios que o sistema hipermídia é capaz de operar, recebe uma contrapartida ética endereçada pelo próprio acontecimento para sua atitude, devolvendo-lhe a força da verdade.

Pois nela o acontecimento recebe de volta o esplendor de sua neutralidade e estranheza, tornando-se de novo um combate, um campo de batalha onde uma cibervitalidade esboça seus primeiros gestos balbuciando suas primeiras palavras

Notas

- 1 Cf. NIETZSCHE, F. (1989). A Hora mais Silenciosa, In Assim Falou Zaratustra. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, p.158. "São as palavras mais silenciosas as que trazem tempestade. Pensamentos que chegam com pés de pomba dirigem o mundo."
- 2 A mídia sob demanda é uma alternativa à mídia de atualidades corporativa que foi criada pelas ONGs para fazer a cobertura de suas manifestações exprimindo os pontos de vista e interesses dos manifestantes. Embora o IMC tenha surgido dentro desse formato ele rapidamente ultrapassou os seus limites ao se apropriar de modo original das possibilidades abertas pelos sistemas hiper-mídia e radicalizar as possibilidades de governo democrático dos sistemas de edição.
- 3 O termo open-publishing utilizado pelo IMC está em clara referência ao termo open-source que se utiliza para designar o software que tem o código fonte aberto para que a comunidade de programadores possa examinar ou alterar. Em um outro texto o IMC justifica a adoção do sistema operacional FreeBSD para integrar a sua rede afirmando que sua criação e desenvolvimento são inteiramente democráticos, um trabalho todo desenvolvido e decidido pelas comunidades que se integram a ele. Para o IMC o DOS/Windows seria ditatorial enquanto que o LINUX seria uma monarquia medieval pois tem Linus Torvalds como seu monarca e vários nobres aliados como seus desenvolvedores autorizados. O sistema de edição do IMC mantém estreita correlação com o sistema do FreeBSD.
- 4 O termo copyleft foi criado para contrapor-se ao termo copyright que rege o material produzido pela mídia corporativa e regulamenta a propriedade do material pela agência ou veículo garantindo as restrições de reprodução, divulgação e utilização da produção. O copyleft permite a livre distribuição e veiculação do material desde que respeitada sua integridade e citada a fonte produtora e a sua autoria.
- 5 Cf. IMC, about us. <http://indymedia.org/about.php3>. "Indymedia is a collective of independent media organizations and hundreds of journalists offering grassroots, non-corporate coverage. Indymedia is a democratic media outlet for the creation of radical, accurate, and passionate tellings of truth. We work out of a love and inspiration for people who continue to work for a better world, despite corporate media's distortions and unwillingness to cover the efforts to free humanity."
- 6 Palavra formada pela junção das palavras digital e literati.
- 7 Cf. BARBROOK, R e CAMERON, A. (2000). L'Idéologie Californienne, Paris: Biblioweb. Endereço: <http://www.samizdat.net/biblioweb/txt.php3?detail=n973259183.article>

-
- 8 A este respeito é fundamental a leitura do trabalho de Ronda e Michael Hauben sobre a história da construção da Internet. Ela mostra como as novas tecnologias da comunicação possuem uma dupla origem fundada nas necessidades estratégicas da máquina militar e nos investimentos de desejo da política libertária democrática. Elas exprimiam tanto os interesses do departamento de segurança americano — conduzir e articular as forças aliadas em um ambiente caótico de confronto termo-nuclear —, quanto os interesses da comunidade científica universitária — o desenvolvimento acentrado de projetos científicos por parceiros dispersos geograficamente. Cf. HAUBEN, M. e HAUBEN, R. (1997). *Netizens: On The History and Impact of USENET and Internet*, Los Alamitos, CA: IEEE Computer Society Press. Endereço: <http://www.columbia.edu/~hauben/netbook/>.
- 9 Cf. LÉVY, P. (1998). *A Inteligência Coletiva. Por uma antropologia do ciberespaço*, São Paulo: Loyola.
- 10 Cf. RHEINGOLD, H. (1993). *The Virtual Community*, Nova York: Harper Collins.
- 11 Cf. RHEINGOLD, H. (1985). *Tools for Thought*, New York: Simon & Schuster.
- 12 Cf. MATURANA, H. e VARELA, F. (1997). *De Máquinas e Seres Vivos. Autopoiese – a organização do vivo*, Porto Alegre: Artes Médicas.
- 13 Os grupos de afinidades se formam através do tipo de participação que o manifestante está disposto a realizar (distribuir panfletos, disseminar informes, bloquear uma entrada, etc.).
- 14 O cluster de processamento paralelo reúne diversos grupos de afinidade para operar a realização da manifestação em uma certa área ou zona. O termo é oriundo da área de informática e designa um modo anárquico de ordenar o processamento de algum material que diversos processadores operam paralelamente em simultâneo.
- 15 Os grupos de afinidades elegem seus porta-vozes que realizam a coordenação integrada da manifestação através da realização da reunião de conselhos.
- 16 Cf. Starhawk, *Como Bloqueamos a OMC*, In Lugar Comum, nº 11, Rio de Janeiro: NEPCOM, maio-agosto de 2000.
- 17 Cf. El Mate, Amauta Collective et alt. (1999). *Network of Alternative Resistance*, Internet: Argentina. Endereço: <http://webs.sinectis.com.ar/redresistalt/english.html>.
- 18 Cf. VAZ, P. (1997). *O Inconsciente Artificial*, São Paulo: Unimarco.
- 19 Cf. DAWKINS, R. (1989). *O Gene Egoísta*, Belo Horizonte: Itatiaia.
- 20 Cf. DENNETT, D. C. (1998). *A Perigosa Idéia de Darwin: a evolução e os significados da vida*, Rio de Janeiro: Rocco.
- 21 Cf. DENNETT, D. C. (1997). *Tipos de Mentis. Rumos a uma compreensão da consciência*, Rio de Janeiro: Rocco.
- 22 Cf. El Mate, Amauta Collective et alt. (1999). *Network of Alternative Resistance*, Internet: Argentina. Endereço: <http://webs.sinectis.com.ar/redresistalt/english.html>.
- 23 Para compreender o conceito de vida ativa ver ARENDT, H. (1981). *A Condição Humana*, Rio de Janeiro: Forense Universitária.
- 24 Cf. BANN, S. (1974). *The Tradition of Constructivism*, Londres: Thames and Hudson.
- 25 Cf. VOLINE (1972). *Du Pouvoir Bolchéviste à Cronstadt InLa Révolution Inconnue*, Paris: Pierre Belfond.
- 26 Cf. El Mate, Amauta Collective et alt. (1999). *Network of Alternative Resistance*, Argentina: Internet. Endereço: <http://webs.sinectis.com.ar/redresistalt/english.html>.
- 27 Trecho retirado de um exemplo de press release elaborado pelo IMC como parte de um kit de exemplos de documentos para as comunidades ativistas usarem nas suas relações com a mídia corporativa durante a manifestação de 16 de abril de 2000 contra o Banco Mundial. A tradução é nossa. “Our critics say we’re against globalization, but that’s wrong. We want to globalize environmental protections, labor standards, and a decent quality of life for all human beings. The World Bank and IMF have been the handmaidens of corporate greed for long enough—its time to shrink these institutions.”
-

- 28 Segundo Nietzsche a atualidade é um regime de tempo dominado pelas solicitações cotidianas do meio social e pelos interesses individuais presentes na consciência.
- 29 Geramos o termo logal, formado pelo lo de local, o g de login e o al de global para contrapor ao seu correlato glocal, formado pela junção do glo de global e cal de local. Com ele pretendemos contrapor o poder de difusão das localidades e a força de conexão dos projetos das comunidades virtuais aliados à sua potência de propagação à pressão da presença global do mundo unificado das grandes corporações.
- 30 Negri e Lazzarato ressaltam as novas potências do trabalho e da subjetividade na sociedade contemporânea. Eles observam que se na época clássica a revolta representava a atitude radical do questionamento e na época da representação ela era representada pela reapropriação, na época comunicacional atual ela se manifesta como potência autônoma e constitutiva dos sujeitos pois a revolta e a reapropriação precisam se encarnar em um processo de liberação da subjetividade que se forma no próprio interior das máquinas de comunicação, sem o que elas apenas reproporiam, sob novas formas, a velha forma do Estado. A figura do intelectual sofre uma transformação correlata nestas três épocas. No período da política clássica ele tinha funções epistemológicas com vocações éticas e no período disciplinar ele é levado a se engajar em qualquer direção. Hoje, com o domínio do trabalho imaterial qualitativamente generalizado o intelectual está no interior do processo de produção fazendo dos jovens estudantes, na medida que representam o trabalho vivo virtual e estão submetidos à intelectualidade de massa, o elemento dinâmico das lutas políticas e transformações sociais. Cf. NEGRI, A. LAZZARATO, M. (1991) *Travail Immatériel et Subjectivité*, Paris: Biblioweb. Endereço: <http://www.samizdat.net/biblioweb/txt.php3?detail=n971735022.article>.
- 31 Cf. DEBORD, G. (1997). *A Sociedade do Espetáculo*, Rio de Janeiro: Contraponto.
- 32 Cf. BRUNO, F. (1997). *Do Sexual ao Virtual*, São Paulo: Unimarco.
- 33 Cf. Jim Desillas, Tim Perrkins e Atau Tanaka, *Collateral Damage in Seattle* In *Nettime Newslit*, 03/12/1999. A tradução é nossa. "I interviewed delegates. None of them had anything favorable to say about the WTO. Two

delegates from the Caribbean were angry about job loss. One delegate from Peru took a bullhorn and got up on a car and spoke to the protestors against the World Trade Organization. He said it hurts the workers and farmers. I interviewed a Norwegian guy from Green-peace. Totally against it. Even a delegate from Holland said it had hurt the farmers there. He said though it is supposedly democratic, that's actually a lie: the US, England and Canada and a few others get together and decide what they want to do. Then they ask the rest of the countries to vote and if they vote wrong they threaten 'You won't get loans', or whatever. They get them to do what they want by blackmailing them. The Italians we interviewed were upset too. I couldn't find any delegates who were in favor."

- 34 Cf. Jim Desillas, Tim Perrkins e Atau Tanaka, *Collateral Damage in Seattle* In *Nettime Newslit*, 03/12/1999.

Referências

Específicas

- AMARAL, M.T. d'. (org.) *Contemporaneidade e Novas Tecnologias*. Rio de Janeiro: IDEA / Sete Letras, 1996.
- _____. *O Homem sem Fundamentos*. Rio de Janeiro: UFRJ.
- ANTOUN, H. *Nas Teias da Globalização*. In: *Veredas*. Rio de Janeiro: Centro Cultural Banco do Brasil, ano 3, n. 25, 1998.
- BERARDI, F. *Cyberpunk e mutazione*. Genova: Costa e Nolan, 1994.
- BRUNO, F. *Do Sexual ao Virtual*. São Paulo: Unimarco, 1997.
- DAWKINS, R. *O Gene Egoísta*. Belo Horizonte: Itatiaia, 1989.
- DELEUZE, G. e GUATTARI, F. *Mille Plateaux*. Paris: Minuit, 1980.
- DENNETT, D. C. *Tipos de Mentis*. Rumos a uma compreensão da consciência. Rio de Janeiro: Rocco, 1997.
- _____. *A Perigosa Idéia de Darwin: a evolução e os significados da vida*. Rio de Janeiro: Rocco, 1998.
- DORIA, F. A. e DORIA, P. *Comunicação: dos fundamentos à Internet*. Rio de Janeiro: Revan, 1999.

-
- GLEICK, J. Faster. Nova Iorque: Pantheon Books, 1999.
- JOHNSON, S. Interface Culture: How new technology transforms the way we create and communicate. New York: Harper Collins, 1997.
- KEHOE, B. P. Zen e a Arte da Internet. Rio de Janeiro: Campus, 1994.
- KELLY, K. Out of control. New York: Addison-Wesley, 1994.
- KERCKHOVE, D. Connected intelligence. Toronto: Sommerville House, 1997.
- LATOUR B. Jamais fomos modernos. Ensaio de antropologia simétrica. Rio de Janeiro: Editora 34, 1994.
- LÉVY, P. As Tecnologias da Inteligência. O futuro do pensamento na era da informática. Rio de Janeiro: Editora 34, 1993.
- _____. A Inteligência Coletiva. Por uma antropologia do ciberespaço. São Paulo: Loyola, 1998.
- _____. O que é o virtual?. Rio de Janeiro: Editora 34, 1996.
- MATURANA, H. e VARELA, F. De Máquinas e Seres Vivos. Autopoiese – a organização do vivo. Porto Alegre: Artes Médicas, 1997.
- MURRAY, J. H. (1997). Hamlet on the holodeck, New York: Free Press.
- POSTER, M. The second media age. Cambridge, MA: Polity Press, 1995.
- RAMONET, I. La tyrannie de la communication. Paris: Galilée, 1999.
- RHEINGOLD, H. The Virtual Community. Homesteading on the Electronic Frontier. New York: Harper Collins, 1993.
- _____. Tools for Thought. New York: Simon & Schuster, 1985.
- _____. The New Interactivism: a manifesto for the information age. In: Voxcap Club Rheingold. New York: Voxcap, 1999.
- RUSHKOFF, D. Playing the future. New York: Harper Collins, 1996.
- SANTOS, M. Técnica, Espaço, Tempo. Globalização e meio técnico-científico informacional. São Paulo: Hucitec, 1996.
- SERRES, M. Hermes IV. La Distribution. Paris: Minuit, 1977.
- _____. Atlas. Paris: Julliard, 1994.
- SODRÉ, M. O Social Irrradiado. Rio de Janeiro: Francisco Alves, 1990.
- _____. O Monopólio da Fala. Rio de Janeiro: Vozes, 1974.
- STONE, A R. The war between desire and technology. Cambridge: MIT Press, 1995.
- TURKLE, S. Life on the Screen. Identity in the age of the Internet. New York: Simon & Schuster, 1995.
- VAZ, P. O Inconsciente Artificial. São Paulo: Unimarco, 1997.
- _____. Globalização e Experiência de Tempo. In: Signos Plurais: Mídia, Arte e Cotidiano na Globalização, São Paulo: Experimento, 1997.
- _____. Agentes na Rede. In: Lugar Comum – Estudos de Mídia, Cultura e Democracia, Rio de Janeiro: NEPCOM, n. 7, 1999.
- VIRILIO, P. La Bombe Informatique. Paris: Galilée, 1998.
- WERTHEIM, M. The pearly gates of cyberspace. New York: Norton, 1999.
- Geral
- AUBENQUE, P. Le problème de l'être chez Aristote. Paris: Vrin, 1974.
- BAUMAN, Z. Globalização: as conseqüências humanas. Rio de Janeiro: JZE, 1999.
- CANETTI, E. Massa e Poder. Brasília: UNB, 1986.
- CANGUILHEM, G. La Connaissance de la Vie. Paris: P.U.F., 1952.
- CASTELLS, M. A sociedade em rede. São Paulo: Paz e Terra, 1999.
-

DEBORD, G. A Sociedade do Espetáculo. Comentários sobre a sociedade do espetáculo. Rio de Janeiro: Contraponto, 1997.

DELEUZE, G. Conversações. Rio de Janeiro: Editora 34, 1992.

FOUCAULT, M. As Palavras e as Coisas. São Paulo: Martins Fontes, 1981.

HABERMAS, J. Mudança Estrutural na Esfera Pública. Rio de Janeiro: Tempo Brasileiro, 1986.

MARX, K. Para a Crítica da Economia Política. São Paulo: Abril Cultural, 1982.

MCLUHAN, M. Os Meios de Comunicação como Extensões do Homem. São Paulo: Cultrix, 1969.

NIETZSCHE, F. Genealogia da Moral. Um escrito polêmico. São Paulo: Brasiliense, 1987.

SERRES, M. La philosophie de Leibniz et ses modèles mathématiques. Paris: P.U.F., 1968.